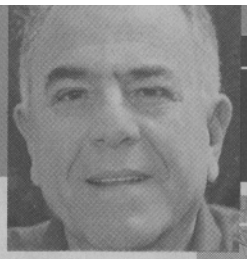


ALFEU TRANCOSO
E-mail: alfeutrancoso@yahoo.com.br

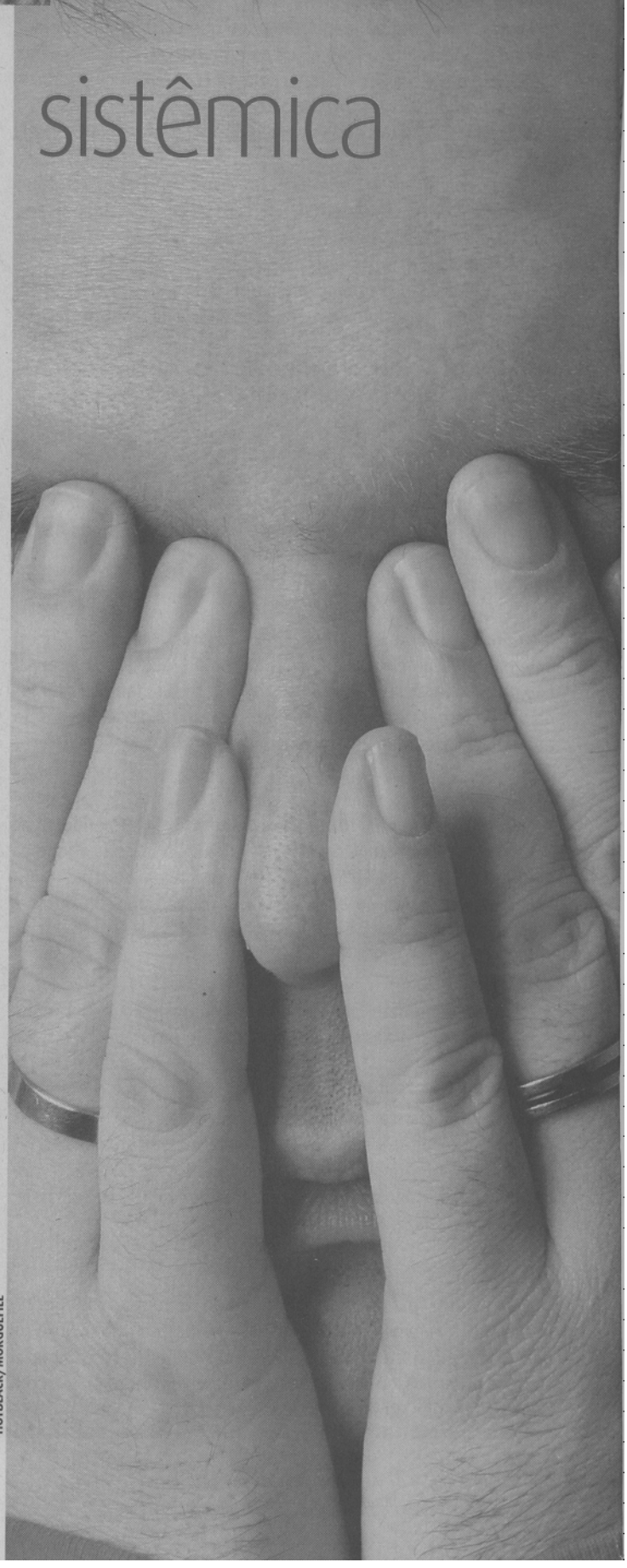
A vertigem sistêmica

Questionar um paradigma é uma tarefa extenuante, pois seu conjunto de "verdades" já está cimentado pelas certezas de uma lógica construída com a finalidade de protegê-lo dos ataques dos críticos. Apesar das dificuldades, temos a obrigação de ajudar a abrir rachaduras nesse modelo de compreensão e transformação do mundo que, historicamente, convenhamos, já deu o que tinha de dar. Aparentemente blindado, esse edifício paradigmático já começa a fazer água pelas suas fissuras. E uma dessas "verdades" que faz parte dessa suntuosa construção de conhecimento, é a da famosa autonomia do sujeito.

Preso milenarmente às amarras ameaçadoras da natureza, o homem moderno, a partir do século XIX, acreditou que, com as ciências e as técnicas, ele finalmente se veria livre das limitações impostas pelo mundo natural. Por exemplo, todo o conceito de liberdade foi baseado na ideia de que tínhamos o direito adquirido de fazer o que bem entendêssemos com as coisas da natureza. Tudo estava aí á nossa disposição. Havia um destino manifesto inscrito em cada ato humano, indicando que o homem fora escolhido por Deus para exercer essa transcendente missão. Felizmente no século XX esse conceito de independência (autonomia) sofre um impacto frontal com as constatações de interdependência necessária de todos os elementos de um ecossistema. O conceito de rede se torna muito mais vantajoso ecologicamente do que o de linearidade tão caro ao homem moderno.

O ser humano é engraçado, as ideias ecológicas são muito simpáticas, desde que não lhe imponham limitações (uma das reclamações dos donos de supermercados sobre a limitação do uso de sacos plásticos é que isso vai desagradar os clientes). O simples fato de que amanhã ele terá de viver sob limites lhe causa náusea e vertigens. Protestando ou não, a ciência ecológica nos aponta para essa necessidade inadiável: limitar crescimento como condição de prolongar a vida das espécies no planeta. Ainda antipática aos olhos de muitos, essa verdade, em médio prazo, se tornará universal.

Autonomia é uma ilusão. Mas a vertigem ecossistêmica ainda vai continuar por muito tempo, pois o ser humano tem pavor de ser comparado a qualquer outro animal. Eis o desafio enorme que a ecopedagogia tem pela frente: transformar corações e mentes para colaborar na criação de um novo organograma paradigmático que leve em conta que somos apenas um ponto nesta imensa rede de intermináveis relações interativas. Aí o cuidado e o bom senso poderão prevalecer sobre o desejo de poder. Oxalá se teremos tempo ainda para tentar alterar o rumo do nosso olhar. ■



HOTBLACK/MORGUEFILE